

RAMADA CURTO

TEATRO

RECOMPENSA

PEÇA EM 3 ACTOS



MAIS UMA EDIÇÃO

(PREFÁCIO DA 4.^a EDIÇÃO)

Teatro, em livro, é mais difícil de vender do que qualquer outro género. Mas esta «Recompensa» na verdade, pegou. Sem fantasia,—costumeira nestas coisas — vão para cima de seis mil os exemplares que circulam. Dá-se até o caso que eu pródigo nas «maravilhas» que escrevo e que não guardo, quando me pediram um exemplar para mandar imprimir esta edição, não tinha nenhum! Foi um cunhado e amigo, de nome Mário Velga — ponho-lhe o nome para que se não julgue que é mentira — quem me cedeu o seu exemplar, valorizando por lamentações, o sacrifício que fazia em se separar da maravilha e com a promessa de lho restituir. Já se deixa ver que esta promessa a não cumpro porque, na oficina, desfizeram-no.

Um outro amigo, Galino Marques, já me tinha cedido para o mesmo efeito, «A Cadeira da Verdade». Aos dois, ao parente e ao amigo, os meus agradecimentos. São ambos uns beneméritos das letras.

Certo é — e isso desvanece-me — que a «Recompensa» fêz tanto sucesso em livro como no Teatro. Eu teimo em considerá-la, como trabalho literário, inferior a outros meus, sem sorte igual. O facto porém de eu o admitir e confessar, não autoriza qualquer a que glose o mote exagerando na glosa. Sucedeu isso e eu ri — depois de ler as credenciais literárias do sujeito. Ele tinha razão em dizer mal. Eu também digo. Mas além de ser malcriado o tom em que o fazia presupunha no cavalheiro um Shakspeare, tal o entono desdenhoso e penetra da «crítica» — como êle lhe chamava. Assim, não! — já se deixa ver. E a resposta reo-

nha é esta, popular e em «calão» — «vai-te matar, menino!»

Há certas coisas, que se adivinham por trás das palavras que se escrevem. Dá-se o caso até de que a pessoa em quem estou pensando ao escrever estas linhas, tem talento, real e autêntico talento. Mas não tanto como êle julga — defeito que o mata a êle e a outros.

Deixemos isto. «A Recompensa» «deu no gôto» ao grande público, apenas por isto: — é que o assunto de que ela trata anda no ar. Os aplausos na cena e o sucesso do livro é só por isso. E' claro que, se tal como é, fôsse a peça desajetada e mal feita, o ambiente não chegava. Mas sôbre isso apraz-me reconhecer que tenho lido muito pior assinado por grandes nomes estrangeiros dos tais que, por *snabismo*, não há patarata nenhum que não admire. E com essa admiração ganha-se fama de «az» em coisas de Teatro. Deixemos também isto. E' de uso chamar-se ao melo dos escritores e dos que se interessam pela literatura «a feiraliterária». Ora nós somos um país pequeno e pobre... Em Portugal também há a sobredita «feira». Simplesmente — é da ladra...

Aí vão, por tanto, mais mil exemplares da «Recompensa» para habilitar a posteridade a deliciar-se. Simplesmente me parece que «o meio» em que ela appareceu já não é hoje o mesmo. Embora. Ficará como documento histórico — se outro valor lhe não fôr attribuído.

RAMADA CURTO

A GUISA DE PREFÁCIO

(1.ª EDIÇÃO)

Ao começar a escrever estas linhas, na intenção de que elas sirvam de *prefácio* à minha nova comédia, nem ainda sei se ela chegará a ser representada tal como a escrevi. E como escrevo para entreter o espírito, para o descansar de outras preocupações — essas profissionais e demandando concentração e esforço — julgo será curioso para quem ler que eu não esconda o meu «estado de alma» a propósito do que estou fazendo — da peça que escrevi e que possivelmente será representada, «com tôdas as licenças necessárias», da minha actividade de comediógrafo, do momento «literário» (?) que o País atravessa e do mais que me vier aos bicos da pena.

Sinto-me na disposição de Santo Agostinho ou de Jean Jacques e vou confessar de início uma coisa — e que estou muito descontente, comigo primeiro, e com os outros, depois.

Sobre o «valor» que eu attribuo a esta e às outras minhas comédias, direi apenas que sou

*«daqueles que com mágoas e tédio encaram,
as próprias obras vãs de que escarnecem».*

Efectivamente — ó leitor! — eu sou capaz de sentir a beleza e compreender a obra da intelligência — palavra de honra, que sou! Digo mesmo que, actualmente, com cinqüenta anos, magoado da Vida, sentindo-me, como tantos, um pobre homem espantado e aterrado, no meio da derrocada apavorante de tudo que para mim dava valor à existência, eu refugio-me numa sen-